

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Mariana Menezes de Ayala

“É TUDO E É NADA!”:

A sucata na sala de aula na visão de docentes da Educação Infantil

Porto Alegre

2. Semestre

2013

Mariana Menezes de Ayala

“É TUDO E É NADA!”:

A sucata na sala de aula na visão de docentes da Educação Infantil

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Ramos Fortuna

Porto Alegre
2. semestre
2013

AGRADECIMENTOS

Tom Jobim já cantava: “É impossível ser feliz sozinho!”. Assim sendo, gostaria de agradecer a todos que estiveram comigo ao longo desses mais de quatro anos, e que contribuíram para que eu chegasse a este momento tão feliz. Agradeço em especial:

Aos meus queridos pais, Elaine e Eloi, que sempre acreditaram em mim, sendo meus maiores incentivadores. Obrigada pela confiança, pelo amor, pela paciência. Amo vocês!

Ao meu irmão, pela paciência em dividir comigo seu “espaço” e por me ouvir nos momentos de angústia. Tu és um dos maiores presentes que a vida me deu, te amo!

Ao meu avô Noé (*in memoriam*), que apesar de não estar mais entre nós, esteve sempre comigo, em meu coração e no meu pensamento. Obrigada pelas lindas lembranças de infância e pelas belíssimas histórias de vida. Tu sempre serás meu grande herói!

A todos os meus familiares, por entenderem minhas ausências nos almoços de domingo e pelo grande apoio nos momentos difíceis. Muito obrigada!

À minha querida orientadora Tânia Fortuna, pelos ensinamentos, pelas experiências e pelas brincadeiras propiciadas por esse um ano de monitoria. E pelas palavras de incentivo, pela confiança e pela paciência neste trabalho final. Muito obrigada!

À minha orientadora de estágio Susana Rangel, por ter me incentivado a descobrir o mundo das sucatas, com tantas possibilidades. Teu incentivo me inspirou a realizar este trabalho!

Às amigas de toda a vida, por terem partilhado comigo mais esta etapa. Obrigada por entenderem meus momentos de ausência, principalmente neste último semestre. Mesmo longe, tenho a certeza de que estão sempre comigo. Obrigada por tudo!

Aos presentes que a FAGED me deu, que de colegas se transformaram em grandes amigas e que tornaram minhas manhãs, e algumas noites, muito mais alegres. Que seja somente o início de nossa amizade. Muito obrigada, “xuxus”!

Ao pessoal da Creche da UFRGS, por terem acompanhado meu “desabrochar” de professora, pela confiança, pelo incentivo, pelas risadas, pelos choros, por todos os aprendizados e grandes amigas que fiz. Muito obrigada!

Aos professores entrevistados, pela disponibilidade e confiança. Obrigada!

Aos alunos, que tive, que tenho e que terei, pelas aprendizagens, pelos sorrisos, pelos olhos brilhando... Que me fazem ter a certeza de que escolhi a profissão certa!

Era uma vez um avô fumeta
(nascido no ano do cometa)
eu pedi pra ele guardar
os fósforos, a seda, a caneta.

Era uma vez
uma caixa de papelão
no quintal da minha avó.
Era uma vez
eu, o neto,
que com a caixa faço
pássaro, avião e casa com teto.

Era uma vez
a caneta do meu avô
sem tinta, sem tampa
que eu um bamba,
transformo logo
no corpo da boneca Zamba.
(MACHADO, 2003, p. 110 - 111)

RESUMO

O presente trabalho procura responder ao seguinte questionamento: *quais as possibilidades e a relevância da utilização de sucata na sala de aula de Educação Infantil, na visão dos docentes?* Seu objetivo central é investigar se e como a sucata é utilizada e quais seus possíveis efeitos na Educação Infantil. Para isto, realizei entrevistas semiestruturadas com quatro professoras e um professor que atuam em uma escola pública de Educação Infantil de Porto Alegre. Buscando um maior aprofundamento na temática escolhida, recorri a autores como: Marina Machado, Lev Vygotsky e Janet Moyles, que discutem, respectivamente, a função da sucata, da imaginação e da criatividade na Educação Infantil. Com base nos dados coletados, constatei que os professores possuem lembranças de uso de sucata em casa, tendo poucas e limitadas experiências com esse material na escola. Também observei alguma contradição entre a importância a ela atribuída e a descrição de sua utilização na sala de aula, já que, em geral, ela é deixada fora do alcance das crianças. Por fim, para melhor compreender a posição dos professores em relação ao uso da sucata, examinei sua própria concepção a respeito. Tais achados levam-me a concluir que os educadores necessitam ser mais estimulados ao uso da sucata na Educação Infantil, já que ela é importante recurso para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, fazendo com que a criança seja um sujeito ativo na construção do seu conhecimento.

Palavras-chave: Sucata; Educação Infantil; Criatividade;

SUMÁRIO

POR QUE FALAR, PENSAR E REFLETIR SOBRE SUCATA?	8
1 CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI	10
2 SELECIONANDO MATERIAIS: O QUE FOI PRECISO ENTENDER	13
2.1 AFINAL, O QUE É SUCATA?.....	13
2.2 CRIATIVIDADE.....	14
2.3 DA BRINCADEIRA COM O CORPO AO FAZ DE CONTA.....	16
2.4 IMAGINAÇÃO.....	18
3 CLARIDADES E OBSCURIDADES DO CAMINHO	20
3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	23
3.2 A INSTITUIÇÃO.....	24
4 SUCATA EM PAUTA: A CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL	26
4.1 “Era uma sucateira!”: Criança de ontem e docente de hoje.....	26
4.2 “É importante, mas...”: entre discurso e prática.....	29
4.3 “Sucata não é só lixo!”: A sucata na concepção dos docentes.....	32
5 CONSIDERAÇÕES (NEM TÃO) FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	40
ANEXO B – Termo de Consentimento para os Professores	41
ANEXO C – Termo de consentimento para a Direção	43

POR QUE FALAR, PENSAR E REFLETIR SOBRE SUCATA?

Vivemos em uma cultura de consumo, em uma sociedade que se organiza por meio dele. Como afirma Bauman (2010) vivemos na modernidade líquida, em que a temperatura elevada das mudanças, dos descartes, faz com que nada mais seja sólido em nossas vidas. Junto com essa “liquidez”, podemos observar, na visão de RODARI (1982), a grande valorização, na área da educação, da memória e da atenção, deixando a imaginação e a criatividade como áreas periféricas.

Em meio a essa cultura, eis que surge o meu interesse em pesquisar a respeito do uso de sucatas na sala de aula, como afirma Machado (2003) “No contexto da vida urbana, brincar e criar com os materiais de sucata ou com o “lixo” traz até certa ironia diante da cidade e da sociedade capitalista e de consumo [...]” (p. 44). Junto a esse interesse, um tanto contraditório em meio à atual cultura do consumo, temos a grande superficialidade com que este assunto tem sido tratado nas pesquisas das ciências humanas. A maioria dos textos que trata deste tema é como manuais que “ensinam” os educadores¹ a montar brinquedos para os seus alunos com materiais reaproveitados. Assim, busco, nessa pesquisa, tratar do uso e das possibilidades da sucata na sala de aula, a partir do ponto de vista de professoras e professores atuantes na Educação Infantil.

Dessa maneira, o problema central de minha pesquisa é: *quais as possibilidades e a relevância da utilização de sucata na sala de aula de Educação Infantil, na visão dos docentes?* Junto ao problema selecionei algumas questões norteadoras que me acompanham desde o início da investigação, sendo elas: *Qual a concepção de sucata pelos professores de Educação Infantil? De que maneira a sucata é utilizada em sala de aula pelos docentes de Educação Infantil? Quais as influências, pessoais e acadêmicas, para o uso, ou não, da sucata em sala de aula pelos educadores de Educação Infantil? Os docentes consideram importante o uso de sucatas na Educação Infantil?*

Os meus objetivos gerais com esta pesquisa são:

¹ Utilizo o termo *educadores*, neste trabalho, não me referindo somente no masculino, mas ao conjunto de mulheres e homens, que mesmo em minoria, atuam nessa etapa de ensino, tendo entrevistado um deles.

- Investigar se e como a sucata é utilizada e quais seus possíveis efeitos na Educação Infantil
- Sinalizar a importância do uso de sucata para o desenvolvimento cognitivo, psíquico e social dos alunos de Educação Infantil.

E como objetivos mais específicos selecionei os seguintes:

- Analisar as concepções de sucata dos educadores de Educação Infantil.
- Investigar as influências pessoais e acadêmicas para a presença ou a ausência do uso de sucata em sala de aula pelos docentes de Educação Infantil.

Esse trabalho está dividido em cinco momentos. No primeiro momento, apresento minha justificativa para a realização desse estudo, em que minhas lembranças de infância, minha atuação como professora e como estagiária e minhas inúmeras inquietações juntam-se para dar início a esta pesquisa.

No segundo momento, apresento os conceitos nos quais precisei me aprofundar e que serviram como embasamento para esta investigação. Nesse momento utilizei autores como Marina Machado (2003), Janet Moyles (2002), Edda Bomtempo (1997), Lev Vygotsky (2007) e tantos outros, que me acompanharam durante essa caminhada.

No terceiro momento, mostro os caminhos metodológicos da pesquisa, justificando minhas escolhas metodológicas e apresentando os sujeitos e a instituição em que eles trabalham, sendo meus elementos da pesquisa.

O quarto momento é composto pelo ápice do presente trabalho, o momento em que os referenciais e os dados juntam-se, a partir de minha interpretação, culminando nas análises das falas e dos gestos dos sujeitos dessa pesquisa.

O quinto e último momento traz minhas considerações finais (e provisórias) acerca da temática estudada.

1 CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

*Tem lugares que me lembram
Minha vida, por onde andei
As histórias, os caminhos
O destino que eu mudei
Cenas do meu filme branco e preto
Que o vento levou e o tempo traz²*

Busco em minhas memórias, primeiramente de quando era criança, as razões de meu interesse em estudar a respeito do uso de sucatas. Quando criança ficava na casa de meus avós enquanto meus pais trabalhavam. Nos pátios de suas casas acontecia a maioria de minhas brincadeiras. Lembro-me de brincar com os galhos que caíam das árvores, com os prendedores de roupa, imaginando princesas, príncipes e bruxas. Fazia deliciosas comidas com areia, pedrinhas, papel e água. A casa de meu avô ficava nos fundos do armazém de meu pai, logo, às vezes escapava e ia brincar no depósito do armazém. Que lugar mágico! Caixas de papelão de vários tamanhos, garrafas pet e de vidro, tampinhas de garrafa, latas, sacos plásticos, cabos de vassoura, entre tantas outras “bugigangas”. Para mim elas eram fruto de muito interesse e dedicação: criava, em minha imaginação, personagens encantados. Essas lembranças são confusas, às vezes parecem que as imaginei, em outras parecem tão reais que sinto o cheiro de café passado da casa de meu avô, local onde eu tinha total liberdade para brincar e imaginar.

Ao entrar para a escola, aos seis anos (antes disso, não frequentei nenhuma instituição por mais de um ano) fui perdendo essa liberdade para criar. Não me lembro de ter oportunidade de criar com materiais, brinquedos e brincadeiras em minha sala de aula. As atividades eram dirigidas, com pintura de desenhos mimeografados, contorno de figuras e bolinhas de papel crepom para colar. Os momentos livres eram os quinze minutos do recreio, que eram para ir ao banheiro, beber água, correr e brincar.

A partir da quinta série³, tive aulas de artes. Essas aulas não nos permitiam criar. Nossas produções eram cópias de obras famosas. Em nenhum momento

² Música “Minha Vida”, do álbum “Aqui, Ali, Em qualquer Lugar” (2001) de Rita Lee.

³ Em 2002, ano que ingressei no ensino fundamental final, este era chamado de séries finais.

utilizamos sucatas em nossas criações, somente materiais ditos estruturados como telas, argilas, folhas de ofício, lápis, hidrocor, giz e tintas industriais. As maiores aproximações que tive com sucata foram na montagem de maquetes nas aulas de geografia. Estas foram montadas em poucas oportunidades, e sempre de forma pré-estruturada (com desenhos prontos a serem reproduzidos).

No segundo semestre de 2009 ingressei no Curso de Pedagogia da UFRGS⁴. Um mês depois, comecei a atuar como bolsista em uma instituição pública de Educação Infantil que atende crianças de classe média a alta, entre 6 meses e 5 anos e 11 meses. Após seis meses fui contratada pela instituição, assumindo uma turma de Maternal 1⁵, em docência compartilhada com outras três professoras. Eram vinte e uma crianças e nossa sala não possuía nenhuma sucata para as crianças manusearem. Eu nunca me importei com esse fato, pois não havia tido experiências escolares com sucata. Nos anos de 2011 e 2012, atuei em turmas de Maternal 2⁶. Utilizei sucatas poucas vezes durante esses anos, de maneira muito restrita, somente para criação de brinquedos. O uso de sucata me incomodava, pois eu procurava nas criações das crianças figuras estruturadas, interferindo nas criações delas. Marina Machado (2003) chama-nos a atenção para o papel do educador para “[...] *nunca, jamais* fazer pela criança” (p.85, grifos da autora). Esse pensamento era desconhecido para mim. Não havia tido oportunidades, na Universidade, para estudar algo relacionado ao uso de sucatas.

Tudo mudou no primeiro semestre de 2013, quando fiz meu estágio obrigatório na turma em que atuo⁷ como professora titular, junto de outra professora, atuando em docência compartilhada. No início do ano havíamos pedido às famílias doações de sucatas. Como ganhamos muitas doações, confeccionados junto com as crianças uma caixa, nomeada por eles de “caixa de sucatas”. Nossa caixa ficou lotada, e comecei a observar um grande interesse das crianças por elas, principalmente nos momentos de brincadeira livre, utilizando-as em seus jogos simbólicos. Ao ser encorajada por minha orientadora, proporcionei momentos de exploração desses materiais e conversas com as crianças a respeito do que são as sucatas para elas.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁵Com crianças na faixa etária de 2 a 3 anos.

⁶Com crianças na faixa etária de 3 a 4 anos.

⁷Um Maternal 2

[...] conversamos com as crianças a respeito do que são as sucatas. Primeiro as questionamos a respeito do que elas achavam que são as sucatas. Eles disseram que sucata são “coisas velhas”, fazendo alusão ao fato de não serem mais utilizados. Expliquei para eles que existem dois tipos de lixo: o orgânico e o seco, sendo o lixo seco as latas, plásticos (garrafas, embalagens), caixas, vidros e papéis, que são materiais que podem ser reaproveitados. Após essa explicação, o R.⁸ disse: “Então as sucatas são o lixo que não se usa mais e que não vai para o lixo.” Todos concordaram com ele, afirmando que a sucata é um lixo, que eles podem usar para brincar e criar personagens. Depois dessa conversa, analisamos quais os materiais temos em nossa “caixa de sucatas”, nos dando conta da diversidade de materiais que já conseguimos juntar.⁹

Nessas conversas foi possível perceber o quanto as crianças estavam aprendendo, criando e recriando conhecimentos, a partir de materiais que ao invés de ir para o lixo, estavam sendo reaproveitados, recriados. Assim como o João¹⁰, ganhamos olhos mágicos, “e tudo que era usado, muito velho ou estragado, não morria, mas ficava com uma cara diferente.” (BARBIERI, 2011, p.11).

Dessa maneira, acreditando que a vida “[...], é um processo que flui, que se altera e onde nada está fixado.” (ROGERS, 1982, p. 38), fui mudando minhas concepções a respeito do uso de sucatas. Essa experiência suscitou em mim o desejo de pesquisar sobre o assunto, levando-me a questionar: qual a concepção dos demais professores de Educação Infantil a respeito da sucata? Para eles, quais são as possibilidades e as limitações que o uso da sucata em sala de aula oferece?

⁸O nome das crianças será preservado por questões éticas.

⁹Trecho retirado de meu relatório de estágio

¹⁰Personagem da história “Os olhos mágicos do João” de Marô Barbieri.

2 SELECIONANDO MATERIAIS: O QUE FOI PRECISO ENTENDER

Para a realização deste trabalho, muitas leituras e estudos foram necessários para obter um aprofundamento nos conceitos e teorias relacionados ao uso de sucatas em sala de aula. Por isso, apresento neste capítulo o aporte teórico com que dialoguei e que fundamentou as análises da investigação. É importante salientar que entendo teoria tal como o faz Fortuna (2011), a partir de Foucault: “[...] como um par de óculos que o estudioso usa para ver melhor a realidade.” (p. 65)

2.1 AFINAL, O QUE É SUCATA?

Em nosso idioma, a palavra *sucata* é originada da expressão árabe *sugata*, que quer dizer “coisa sem valor”. Nos dicionários Aurélio (2008) e Houaiss (2009), ela é definida como “qualquer objeto deteriorado” e “coisa imprestável ou sem importância”. Daí se pode depreender o status social rebaixado que ganhou em nossa cultura tal conceito, devido à associação de algo sem utilidade, desgastado, estragado. Em contrapartida, autores defendem o caráter criador, imaginativo e potencializador da sucata, definindo-a como algo além de um simples lixo.

Horn, Silva e Pothin (2012), classificam a sucata em dois grupos:

[...] a sucata natural, como sementes, pedras, conchas, folhas, penas, galhos, pedaços de madeira, areia, terra, entre outras; e a sucata industrializada, como embalagens, copos plásticos, chapas metálicas, tecidos, papéis, papelões, isopor, caixas de ovos, entre outras. (p. 92).

As autoras realizam essa classificação por entenderem a sucata como uma matéria-prima que pode ser reaproveitada.

Santos (1995) chama atenção para importância de “[...] distinguir sucata de lixo.” (p. 7). Ou seja, não são todos os materiais que são descartados que servem, pois “[...] o essencial não é o objeto em si, mas sim o que ele pode oferecer.” (SANTOS, 1995, p. 7). Assim, o que vale mais é a ação do sujeito sobre esse objeto, pois é isso que o transforma.

Marina Machado (2003), afirma que “*sucata é qualquer coisa que perdeu seu uso original, que se quebrou, que não serve mais ou que não tem mais significado...* Coisas aparentemente inúteis, mas que servem para brincar, para dar forma e novo sentido.” (p. 67, grifos da autora). É interessante que, a autora chama atenção para

o caráter *aparentemente inútil da sucata*, diferente da definição dos dicionários, que sublinham a falta de utilidade desses materiais.

Essa visão dos dicionários e corriqueira nas opiniões de senso comum demonstra “[...] nosso preconceito em relação ao lixo até as raias da negação do lixo que nós mesmos produzimos e a dificuldade de ver o quanto de nós está, inclusive, naquilo que desprezamos.” (FORTUNA, 2008, p. 61). Por isso, essa definição tão depreciativa e simplória da sucata, expressa a “[...] dificuldade para criar, enternecer-se com a simplicidade, deixar-se desafiar, enfim, dar lugar à imaginação.” (FORTUNA, 2008, p. 62), que muitas pessoas possuem, por encontrarem-se engessadas e limitadas, nesse mundo descartável, em que tudo que leva mais tempo e esforço, como a criação e a imaginação, são amplamente marginalizados.

2.2 CRIATIVIDADE

Quando se fala em brincar com sucata, uma das expressões mais utilizadas é **criatividade**. Mas afinal, o que ela significa? O que denota ser criativo? Por que algumas pessoas possuem mais dificuldade em exercer sua criatividade?

Janet Moyles (2002) assegura que a “[...] criatividade é um termo tão difícil de definir quanto o próprio brincar.” (p. 82). Koestler (1964 *apud* DAVIES; HOWE, 2010) define criatividade como “fazer conexões entre ideias previamente desconectadas” (p. 264). Ruth Rocha (1982) afirma que “[...] a criatividade é uma característica do homem e não um dom concedido a poucos.” (p. 8), que deve ser treinada e aprimorada por meio da prática. Para Alencar e Fleith (2003) a “criatividade, [...] é considerada um processo sociocultural e não apenas um fenômeno individual.” (p. 16). O que esses autores querem dizer?

A criatividade é um fenômeno extremamente complexo, de difícil definição e que está presente em todos os seres humanos, como uma de suas características. Além de fazer conexões entre o que parecia ser desconexo, o indivíduo criativo não se conforma, procurando sempre ir além da norma ou da prática usual. Ela não é somente algo individual, mas possui estreita relação com o ambiente e com o período histórico em que o indivíduo está inserido.

De acordo com ROCHA (1982) “[...] a falta de estímulos adequados no ambiente em que cresce a maioria das crianças é que faz com que a criatividade

pareça manifestar-se apenas em poucas pessoas.” (p. 8). Ou seja, a criatividade é uma característica do homem, mas ela precisa ser estimulada, explorada, vivenciada, mantida e reforçada. Por isso, a autora salienta a importância de os ambientes em que as crianças vivem, ou passam grande parte do seu tempo, como a escola, sejam lugares que deem condições para o desenvolvimento da criatividade. Dentre as características essenciais a um contexto propício a criatividade “[...] salienta-se a extensão em que as contribuições criativas são bem aceitas e valorizadas, bem como a existência de condições que estimulem a inovação, a exploração de ideias e a criação de novos produtos.” (ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 98).

A respeito do que significa ser criativo, Moyles (2002) afirma que “a criatividade, [...] está extremamente ligada às artes, à linguagem e ao desenvolvimento da representação e do simbolismo.” (p. 83), aparecendo a criança como “criadora” nos contextos lúdicos. Um dos contextos mais fáceis para se identificar oportunidades de ser criativo, é no brincar. Uma vez que, “[...] o brincar leva naturalmente à criatividade, porque em todos os níveis do brincar as crianças precisam usar habilidades e processos que proporcionam oportunidades de ser criativo.” (MOYLES, 2002, p. 84).

Além disso,

ser criativo requer tempo e imaginação, o que está disponível para a maioria das crianças. Mais importante, ser criativo requer autoconfiança, algum conhecimento, receptividade, senso de absurdo e a capacidade de brincar. (MOYLES, 2002, p. 93)

Por isso o brincar com sucata está intimamente ligado à criatividade, pois nele a criança utiliza as artes, a representação, o simbolismo e o senso de absurdo. Além de possuir um aspecto em comum com o brincar criativo proposto por DAVIES e HOWE (2010), que é “[...] ser centrado no que a criança quer fazer naquele momento, não em algo que o adulto poderia querer como produto.” (p. 270).

Diante disso, acredito que as palavras de Maria Carmem Barbosa (2007), resumem o papel da escola como ambiente que dê condições para que a criatividade aconteça, fazendo com que ela não seja vista como privilégio de poucos, que, como vimos, não é.

Os processos criadores estão presentes desde a mais tenra infância e uma das questões principais da pedagogia é compreender a capacidade criadora das crianças, fomentar essa capacidade e assegurar a sua importância para o desenvolvimento geral da criança.” (p. 133)

É preciso levar em conta que a atividade criativa não acontece por acaso, sendo necessário planejá-la, mas para isso é preciso ter experiência, que só acontece se a escola assumir seu papel de fomentar o desenvolvimento criador da criança. Sendo que “[...] a educação **para** a criatividade pressupõe educar **através** da criatividade, incentivando a superação dos dons naturais, elevando a vida humana a um patamar “supra natural”, sempre oposto da repressão ou limitação [...].” (SPLETTSTÖSSER, 2013, p. 32, grifo da autora).

Dessa forma, podemos afirmar que “tanto fatores intrapessoais como interpessoais, tanto fatores individuais como sociais têm um impacto significativo na produção criativa do indivíduo e da sociedade.” (ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 96), sendo a criatividade uma junção das características do indivíduo, do seu meio, da sua cultura e do seu tempo histórico.

2.3 DA BRINCADEIRA COM O CORPO AO FAZ DE CONTA

A brincadeira é uma linguagem que é construída ao longo do desenvolvimento dos indivíduos, não sendo algo inato. Ela evolui por meio de várias etapas, desde os primeiros meses de vida, assumindo diferentes formas. Em sua dissertação de Mestrado, Neitzel (2012), apresenta as classificações das brincadeiras infantis segundo Piaget. Para ele, as brincadeiras infantis são distinguidas em três grandes grupos:

o exercício, o símbolo e a regra. A predominância de cada tipo de brincadeira na atividade infantil, segundo Piaget, está ligada ao estágio do desenvolvimento da inteligência: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. (NEITZEL, 2012, p. 29/30)

Em seu início, aproximadamente até os dois anos de idade, a brincadeira é simplesmente assimilação funcional ou reprodutora, relacionada à inteligência sensório-motora. Chamada de brincadeira de exercício possui como objetivo exercitar os esquemas sensório-motores que já estão consolidados, tendo um fim em si mesma, sendo reproduzida pelo prazer de fazê-la. Ela é aprendida gradativamente pela criança, a partir de seus atos reflexos, podendo reaparecer ao longo da vida. No final da brincadeira de exercício, nas combinações com finalidade, se observa uma finalidade lúdica nas ações dos sujeitos. “A partir deste momento, a

brincadeira de exercício evoluirá para o jogo simbólico [...]” (NEITZEL, 2012, p. 30). Como explica Bomtempo (2002):

Da mesma forma que a criança adquiriu habilidades de andar, falar, escalar alturas, etc., através da prática repetitiva, ela passa do jogo de exercícios para o jogo simbólico, utilizando o faz de conta para se introduzir no mundo dos adultos. Significa que a criança progride da necessidade de experimentar alguma coisa para a habilidade de pensar sobre ela. Ela aprende que uma bola é redonda, rola e que, ao brincar com ela, pode jogá-la em várias direções e de muitas maneiras diferentes. (p. 129)

A partir dos dois anos pode-se observar o desenvolvimento das brincadeiras em que as crianças representam papéis e utilizam alguns objetos com funções diferentes de seus usos habituais. Jogo imaginativo, jogo de faz de conta, jogo de papéis ou jogo sócio-dramático, todos podem ser dados como sinônimos, desde que sejam empregados para descrever o mesmo fenômeno. Este surge junto com o advento da linguagem e da representação de um objeto por outro. Segundo Neitzel (2012), a representação é “[...] um prolongamento da acomodação, sendo concebida como uma imitação interiorizada. Ela acontece quando um modelo ausente é imitado.” (p. 24). A imitação é aprendida pela criança e resulta da predominância da acomodação com relação à assimilação.

Segundo Piaget, a função simbólica “[...] é possibilitada pela combinação entre a imitação de um modelo ausente e as significações provenientes das diversas assimilações do sujeito.” (NEITZEL, 2012, p. 24). Ela abrange todas as maneiras iniciais da imitação e de representação, e é a partir de sua constituição que a criança está possibilitada de brincar de faz de conta.

Em seus jogos simbólicos as crianças agem “como se”, uma menina quando brinca com sua boneca, age “como se” fosse uma mãe; o menino que galopa em cima de um cabo de vassoura, age “como se” fosse um cavaleiro, em um cabo de vassoura que é “como se” fosse um cavalo. Pois, “No sonho, na fantasia, na brincadeira de faz de conta desejos que pareciam irrealizáveis podem ser realizados.” (BOMTEMPO, 1997, p. 70), nos quais “[...] as crianças constroem uma ponte entre a fantasia e a realidade.” (BOMTEMPO, 1997, p. 67).

Machado (2004) afirma o quão paradoxal é o faz de conta, pois a criança utiliza-se dele “para explorar, descobrir e aprender a realidade, [...], ela aprende a linguagem dos símbolos e entra no espaço original de todas as atividades sócio-

criativo-culturais.” (p. 26). No entanto, ela não possui intenção em explorar, descobrir e aprender a realidade. A criança está assimilando o mundo à sua maneira, sendo sua interação com o objeto dependente da função que a ela lhe atribui.

Nessa fase “[...] qualquer coisa pode tornar-se um brinquedo: os objetos em si, isoladamente, não importam!” (MACHADO, 2003, p. 35), pois o que faz de um objeto um brinquedo, é a ação de brincar.

2.4 IMAGINAÇÃO

Outra palavra muito utilizada quando falamos em usar, brincar e criar com sucata é imaginação. Assim como a criatividade, a imaginação é algo difícil de definir, devida a impalpabilidade do objeto, sem garantia de compreensão, como afirma Egan (2007) “O problema parece estar na natureza complexa e mutante da imaginação, e no fato de a imaginação estar no ponto crucial dos aspectos menos compreendidos de nossa vida.” (p. 13).

A imaginação infantil, segundo Girardello (2011), pode ser educada, cultivada, pois ela não se atrofia. Ela é “[...] um modo de ver além ou de entrever, que intensifica a experiência do olhar e vice-versa.” (GIRARDELLO, 2011, p. 90), sendo um modo de sentir além.

Para Vygotsky (2007), a imaginação é um processo psicológico, especificamente humano, que não está presente em crianças com menos de três anos, e que surge originalmente da ação. As crianças menores de três anos não se envolvem em situações imaginárias, porque para elas o brincar é algo muito sério e, por isso, impossível de separar uma situação imaginária de uma situação real.

Através do “[...] brinquedo a criança cria uma situação imaginária.” (VYGOTSKY, 2007, p. 109), e ele fornece a transição entre um objeto qualquer, seu significado e o objeto real. Por exemplo, a criança utiliza um objeto (um cabo de vassoura), para separar o que significa “cavalo” de um cavalo real, pois ela não consegue, ainda, separar o pensamento do objeto real. Assim, para imaginar um cavalo, ela define sua ação usando um “cavalo de pau” como suporte (Vygotsky, 2007).

Para Vygotsky (2007) a imaginação da criança é potencialmente mais pobre que a do adulto, pois é ao longo do seu crescimento, das suas vivências, que o indivíduo vai acumulando elementos que tornam possível a imaginação. A imaginação não está fora da vida, ela é uma capacidade de compor e recompor o real (BARBOSA, 2007).

O imaginário também “[...] não é o oposto de racionalidade, mas é o que pode dar vida, energia e rico significado ao pensamento racional.” (EGAN, 2007, p. 16). A imaginação da criança é um espaço de liberdade, uma dimensão em que ela vislumbra coisas novas. Os “pequenos” tem necessidade em viver a emoção imaginativa, por meio principalmente de brincadeiras.

Dessa maneira, considero que a melhor denominação de imaginação é de Dewey (1966 *apud* EGAN, 2007) “A imaginação é uma parte da atividade humana tão normal e integral quanto o movimento muscular” (p. 34).

3 CLARIDADES E OBSCURIDADES DO CAMINHO

“... não sei se fui claro, não foste, mas não tem importância, claridade e obscuridade são a mesma sombra e a mesma luz, o escuro é claro, o claro é escuro, e quanto a alguém ser capaz de dizer de facto e exactamente o que sente ou pensa, imploro-te que não acredites, não é porque não se queira, é porque não se pode.”¹¹

Essa pesquisa é de cunho qualitativo, e busca compreender o ponto de vista dos adultos, educadores infantis, a respeito das possibilidades do uso de sucata na sala de aula de Educação Infantil. A pesquisa qualitativa envolve, segundo Bogdan e Biklen (apud LÜDKE; ANDRÉ, 2012), “[...] a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.” (p. 13), sendo uma de suas principais características ter de lidar com os diferentes pontos de vistas dos sujeitos pesquisados, junto com os valores do próprio pesquisador.

Dessa maneira, ela é “[...] orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais.” (FLICK, 2004, p. 28), ou seja, a pesquisa qualitativa é uma investigação que além de ter de lidar com opiniões pessoais, ela deve levar em consideração o grupo social que esses indivíduos estão inseridos, o seu contexto e a sua cultura.

Como instrumento para a coleta de dados utilizei a entrevista semiestruturada, em que “as questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente.” (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 31). Durante a entrevista é criada uma relação de interação, havendo uma influência recíproca entre o entrevistador e o entrevistado. No entanto, o entrevistador deve ter cuidado para não forçar o rumo das respostas, que são a verdadeira razão da entrevista, devendo apenas garantir um clima de confiança para que o informante sinta-se a vontade para se expressar.

¹¹ SARAMAGO, José. A Jangada de Pedra. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 125.

Outro fator que deve ser levado em consideração no andamento da entrevista é que

há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito. Não é possível aceitar plena e simplesmente o discurso verbalizado como expressão da verdade ou mesmo do que pensa ou sente um entrevistado. (LÜDKE, ANDRÉ, 2012, p. 36)

No entanto, isso não significa “adivinhar” o que o outro está sentindo, por ser algo impossível, mas descrever as impressões que nos causou durante a conversa.

Para este trabalho, foram entrevistadas quatro professoras e um professor, atuantes na Educação Infantil. Todos os entrevistados trabalham em uma instituição de Educação Infantil pública, localizada em Porto Alegre. Para a execução das entrevistas, foi elaborado um roteiro com nove perguntas, abordando questões relativas à existência ou não de sucatas em suas salas de aula, as lembranças dos usos de sucata deles e as implicações dessas memórias para o seu atual trabalho (ANEXO A).

Escolhi realizar a entrevista com cinco professores que atuassem na Educação Infantil, com crianças entre um e seis anos. Como uma das características da instituição é a docência compartilhada, o que faz com que cada turma tenha no mínimo dois educadores por turno, conversei com os professores do turno da tarde, explicando a temática e o objetivo da minha pesquisa, deixando que eles escolhessem quem iria participar. Minha ideia era que só participasse quem realmente quisesse, dando mais sentido à pesquisa.

Entreguei para os participantes e para a direção da escola o termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXOS B e C), que esclarece as questões éticas referentes à pesquisa. Foi garantido aos entrevistados seu anonimato, com a proposta de que cada um inventasse um nome para si, a ser utilizado ao longo da pesquisa. Essa criação de uma “nova identidade” foi muito bem aceita pelos participantes, que se divertiram criando seus nomes, ou escolhendo nomes de personagens de sua preferência.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto e setembro, marcadas antecipadamente com cada docente. Todas as entrevistas foram

realizadas de forma oral e gravadas, com o consentimento dos sujeitos da pesquisa, ocorrendo durante o horário de trabalho dos educadores, em momentos mais tranquilos da rotina de cada um.

As três primeiras entrevistas – com Socalita, Jaspion e Malaia – foram efetivadas na sala de amamentação, um espaço pequeno, aconchegante, com duas poltronas (de frente uma para a outra) e uma pequena mesa de centro com um abajur. Escolhi este local por ele ser silencioso, o que auxilia na gravação da entrevista e em sua transcrição.

A quarta entrevista – com Sucatana – foi feita na ludoteca, um espaço claro, amplo, com estantes com livros (infantis e pedagógicos), caixas com fantoches, blocos lógicos, jogos, bonecos de pano e duas mesas redondas e cadeiras pequenas (no tamanho das crianças). No momento em que a entrevista foi realizada, as crianças de algumas turmas estavam em um dos pátios da instituição, em frente à sala que estávamos.

A quinta e última entrevista – com Magali – foi em uma sala de aula ampla, clara, com três mesas de madeira e cadeiras, todas pequenas (no tamanho das crianças), armários baixos com brinquedos, uma estante com jogos, mesas com lápis de cor, canetas hidrocor e giz de cera, folhas de rascunho, revistas, fantasias, acessórios, espelhos. No momento em que a entrevista foi feita havia crianças no pátio, assim como na entrevista anterior, no entanto, em ambos os casos o barulho não atrapalhou o andamento das entrevistas e sua gravação e transcrição.

Ao terminar a primeira entrevista fiquei receosa de que esta tivesse sido muito curta, pois pensei que ela seria mais longa. Tranquilei-me ao constatar que todas as questões que eu havia proposto tinham sido respondidas. No entanto, ao escutar a entrevista para transcrição percebi que eu havia falado demais durante a entrevista, sendo que “[...] o mais importante é dar ao entrevistado o maior escopo possível para apresentar as suas opiniões.” (FLICK, 2004, p. 94). Após essa observação, me policiiei para ouvir mais os sujeitos da pesquisa, tendo paciência e esperando suas memórias virem à tona para responderem as perguntas.

3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os docentes que aceitaram participar da pesquisa têm entre 22 e 26 anos e possuem ou estão em formação em Pedagogia. Uma das entrevistadas possui Curso de Magistério e um dos entrevistados está cursando, paralelamente, a Pedagogia, Bacharelado em Artes Visuais. Abaixo o quadro resumo dos dados dos professores pesquisados:

Nome fictício	Idade	Formação/Curso	Ano de Formação	Tempo de atuação na docência	Faixa etária que atua
SUCALITA	24 anos	Pedagogia Especialização em Psicopedagogia e Tecnologias	2012 Em andamento	3 anos	3 e 4 anos
JASPION	27 anos	Artes Visuais e Pedagogia	Ambas em andamento	5 anos	2 e 3 anos
MALAIA	24 anos	Pedagogia Especialização em Psicopedagogia e Tecnologias	2013 Em andamento	4 anos	4 e 5 anos
SUCATANA	26 anos	Magistério Pedagogia Especialização em Psicopedagogia e Tecnologias	2006 2012 Em andamento	2 anos (no atual emprego)	5 e 6 anos
MAGALI	22 anos	Pedagogia	6º Semestre	3 anos	1 e 2 anos

3.2 A INSTITUIÇÃO

A instituição em que os educadores entrevistados atuam é pública, e atende crianças entre seis meses e seis anos, em turno integral ou parcial. As crianças que frequentam a escola são em sua maioria de classe média - alta. A instituição possui equipe diretiva, coordenação pedagógica, setor de psicologia, enfermagem e nutrição. A escola dispõe, além das salas de aulas (todas equipadas com materiais, brinquedos e móveis à disposição das crianças, de acordo com a sua faixa etária), de refeitório, cozinha, lactário, sala de enfermagem, secretaria, setor de compras, dois banheiros, sala de multiatividades, dois pátios, ludoteca e sala de amamentação.

Está ressaltado no Projeto Político Pedagógico (PPP)¹², que a sua construção foi a busca de uma identidade própria para a instituição. A respeito do que é uma escola de Educação Infantil, ela é descrita como um espaço que procura o desenvolvimento da criança, através de um processo interativo, com a construção de conhecimentos significativos. Suas propostas são baseadas no construtivismo e na psicologia sócio histórica, tendo Piaget, Wallon e Vygotsky, como os autores que as embasam. Assim, o currículo é concebido, não como algo pronto, mas sim, que é construído diariamente, exigindo um planejar e replanejar constantes.

A escola trabalha com projetos de trabalho, com a resolução de problemas significativos para o grupo e de acordo com a sua faixa etária. A avaliação é colocada como um registro e acompanhamentos diários e permanentes.

Sua concepção de criança, parte do pressuposto de que é necessário

[...] ter tempo para brincar, tempo para poder ser criança. Dessa maneira, ela precisa ser compreendida como um ser complexo e contextualizado frente à realidade em que vive. Reafirma-se, assim, a concepção de criança como cidadã, como sujeito histórico, criador de cultura, devendo sua educação ter o mesmo grau de qualidade que se exige para as demais etapas da educação.¹³

Partindo desse entendimento de criança, a escola possui os seguintes princípios:

- O desenvolvimento integral da criança, com o equilíbrio entre o cuidar e o educar.

¹³ Trecho retirado do PPP.

- Relações de troca entre família e escola.
- Interações entre as crianças.
- Papéis do educador e suas relações com as crianças.
- A valorização das expressões das crianças.
- Conhecimentos de mundo, partindo dos interesses das crianças.
- Linguagem oral e escrita, sendo o diálogo como um instrumento de aprendizagem e enfatizando a importância do contato com os livros e com as letras desde o início da educação infantil.
- Pensamento lógico-matemático, com a valorização das hipóteses das crianças.

A respeito do papel do educador, é destacado que cabe a este “planejar, organizar, apresentar situações desafiadoras e que levem a criança a pensar, levantar hipóteses, refletir e procurar respostas.”¹⁴. É também levantada a importância de o professor avaliar o seu fazer pedagógico e de ele interagir com os seus alunos, sendo um mediador na construção do conhecimento das crianças.

Um ponto que quero ressaltar é que um dos princípios da instituição é a valorização das expressões das crianças, tendo dentro dela o incentivo à observação e à experimentação. Destacam-se as montagens com sucatas como uma forma de expressão, sendo considerada fundamental a livre escolha dos temas e dos materiais, além do estímulo por parte do professor, para o exercício da criatividade e da expressão. Tais elementos serão fundamentais para uma melhor compreensão do tema desta pesquisa, como se verá a seguir.

¹⁴ Trecho retirado do PPP da escola.

4 SUCATA EM PAUTA: A CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Pretendo, agora, evidenciar as minhas análises acerca dos dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com as professoras Sucalita, Malaia, Sucatanae Magali e com o professor Jaspion. Recordo que as entrevistas tiveram como finalidade a investigação acerca dos usos (ou não) da sucata nas salas de aulas dos educadores em questão.

No que diz respeito à tarefa analítica dos dados de uma pesquisa, para poder realizá-la foi necessário “[...] voltar a examinar o material no intuito de aumentar o seu conhecimento, descobrir novos ângulos e aprofundar a sua visão.” (LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p. 43). Dessa maneira, procuro, com essas análises, “[...] acrescentar algo ao já conhecido.” (LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p. 49), a respeito do assunto que está sendo investigado nessa pesquisa, explicitando minha compreensão do fenômeno pesquisado.

Durante as entrevistas, muitas informações interessantes foram ouvidas e foi uma tarefa intensa realizar recortes para as análises. Desse modo, selecionei as falas mais significativas e recorrentes dos sujeitos entrevistados, de modo que fosse possível esclarecer os objetivos deste estudo, que são: investigar se e como a sucata é utilizada e quais seus possíveis efeitos na Educação Infantil; sinalizar a importância do uso de sucata para o desenvolvimento cognitivo, psíquico e social dos alunos de Educação Infantil; analisar as concepções de sucata dos professores de Educação Infantil; Investigar as influências pessoais e acadêmicas para a presença ou a ausência do uso de sucata em sala de aula pelos docentes de educação infantil.

4.1 “Era uma sucateira!”: Criança de ontem e docente de hoje

Dentre as questões propostas aos entrevistados, duas delas eram as seguintes: tens lembrança de usar sucata na escola, ou em sua infância de modo geral? De que maneira? Acredita que esse uso influenciou a atual utilização, ou não, em sala de aula? Essas questões tinham como objetivo suscitar as lembranças dos sujeitos desta pesquisa acerca dos usos que estes faziam, ou não, de sucata na sua infância, para construir possíveis relações com suas atuais práticas.

Na escola não, mas em casa sim. [...] porque a minha mãe ela fez curso do magistério pra dar aula, então ela tinha sucata e ela levava pra casa. A gente usava muito tampinhas assim de garrafas pet, montava time, separava essas coisas, como futebol de botão. E também uns bonecos, a gente fazia também bonecos com caixas de fósforo, pintava o rosto... (JASPION)

É possível observar na fala do professor Jaspion, que suas lembranças de utilização de sucata na infância são somente de situações em casa. Assim como ele, as demais educadoras, com exceção de Malaia, também evidenciaram em suas falas o quanto a sucata estava distante de sua vivência escolar, como um material pedagógico para ser explorado livremente. Suas lembranças, pouco nítidas, dizem respeito a práticas mais dirigidas e estruturadas. O mesmo se pode observar na fala da professora Sucatana:

[...] era mais em casa do que na escola. Na escola era mais pra trabalho assim de maquete, de alguma coisa desse tipo. (Sucatana)

Ao constatar essa “repetição” em suas falas, fiquei me perguntando: Por que as escolas não estão presentes nas memórias dos educadores? Por que seus usos se restringiam a práticas dirigidas?

A escola está dentro do modelo capitalista de organização. A ordem e a razão são mais valorizadas do que a desordem e a emoção. As atividades lúdicas, tidas como prazerosas, improdutivas e não sérias, são segregadas da escola por não se adequarem ao modelo utilitarista e objetivo da instituição escolar. O caráter espontâneo e criativo das atividades lúdicas como o brincar com sucata, vão contra ao padrão de ensino, que é por excelência, com atividades dirigidas.

Esse modo de organização pode ser o responsável por essa quase “inexistência” da escola nas falas dos entrevistados, pois o ambiente condiciona e é condicionado pelas brincadeiras e demais atos lúdicos e se esse ambiente não é estimulante, essas atividades não acontecem.

Rodari (1982) reafirma esse modo de disposição ordenado e rígido, ao ratificar que a atenção e a memória são vistas com vantagem em relação à imaginação, que é algo presente nas atividades lúdicas, e “[...] que escutar pacientemente e recordar escrupulosamente constituem [...] características do modelo escolar, [...] mais cômodo e maleável.” (p. 160). Sendo a brincadeira algo

imprevisível, indeterminado e aleatório, o sistema escolar a vê como uma ameaça, por sua aparente “falta de controle”.

Em contrapartida, todos os educadores demonstraram empolgação ao relembrar suas práticas com sucata em casa. Esse fato é evidenciado nas falas de Sucalita e Sucatana, respectivamente:

A gente fazia boneca com os cones, a gente usava os cones pra montar nossas casinhas. Caixinhas de fósforo era o mais usado, a gente embalava pra fazer o carro da Barbie, o sofá, a cama [...] (Sucalita)

Eu fazia de tudo. É que criança gosta de construir seu brinquedo. (Sucatana)

Prates (2000) destaca que o grande mérito do brinquedo-sucata em relação ao brinquedo industrializado é a sua fabricação, a sua construção, como afirma a professora Sucatana em sua fala, pois esse ato em si, já é uma brincadeira. A brincadeira com sucata só acontece com a ação da própria criança, dando a ela um papel ativo, embutindo seu estilo pessoal ao que constrói.

Podemos observar esse papel ativo na fala da educadora Magali

Eu já via aquilo ali e já via o que queria brincar. Eu já sabia que iam descartar e se eu já tinha uma ideia eu pegava e já usava ali pra fazer alguma coisa, antes de ir pro lixo.. (Magali)

Essas características em que o sujeito assume um papel ativo, tão distintas do ensino tradicional, podem ser as que fazem com que as lembranças de brincadeiras em casa, em que a liberdade e o prazer estavam presentes, sejam destacadas em relação às memórias escolares. Como afirma Machado (2003)

O brinquedo-sucata permite a quem brinca com ele desvendá-lo, ressignificá-lo, pois é um objeto que possui inúmeros significados que não são óbvios nem estão evidentes. Surgem assim novas e inusitadas relações que podem ser até mesmo absurdas, incongruentes, desagradadas! (p. 45)

Em relação à influência desses usos na infância para a atual prática docente, todos os entrevistados afirmaram ser esse um fato influenciador, como podemos inferir da fala de Sucatana:

Porque eu vou lembrar o que eu fazia e talvez eu dê alguma dica pra algum aluno “Há... quem sabe tu fazes isso”, tem sempre algum que “Há eu não sei o que faço” e daí eu vou

tirar das minhas experiências. (Sucatana)

De acordo com Fortuna (2000) “não é necessário “ser criança” para usufruir o brincar, pois sua herança - a criatividade - subsiste na vida adulta.” (p. 154), ou seja, é através das heranças do brincar, de nossas experiências que viram tesouros do passado a serem escavados e encontrados para podermos estimular nossos alunos. É necessário reconciliar-se “[...] com a criança que existe dentro de si, não para ser, novamente, criança, mas para compreendê-la e, a partir disto, interagir em uma perspectiva criativa e produtiva com seus alunos.” (FORTUNA, 2000, p. 8). Ou seja, trazemos a criança que fomos, com suas heranças, para podermos interagir com as crianças do dia de hoje.

4.2 “É importante, mas...”: entre discurso e prática

Todos os educadores afirmaram ter sucatas em sua sala de aula, mas nenhum deixa todas à disposição dos alunos. Quando os questionei do porquê de não a disponibilizarem, as justificativas foram variadas. No caso de Jaspion e Magali, sua explicação foi relacionada à faixa etária das crianças com as quais atuam:

Não sei se para essa turma seria uma demanda assim pra agora [...] pra eles explorarem sim, mas pra poder criar, pra eles construírem coisas eu acho que eles não tão preparados pra fazer isso, que eles não conseguem, não compreendem ainda. (Jaspion)

É que como a faixa etária deles é uma faixa etária que a gente faz mais dirigido as atividades, então quando a gente vai utilizar algum material, independente de ser sucata ou não, é a gente que disponibiliza pra eles. (Magali)

É possível perceber que há um entendimento, por parte desses professores que atuam com as crianças menores que o real uso de sucata seria para a criação de algo, não levando em consideração sua exploração. Moyles (1989 apud Davies; Howe, 2010), separa exploração em dois tipos: específica e diversiva sendo “[...] a *exploração específica* como aquele tipo de brincar que vê qual é o material e o que ele é capaz de fazer, e a *exploração diversiva* como o tipo que leva a criança a explorar o que *ela* pode fazer pessoalmente com o material.” (p. 267, grifos dos autores).

Nesse caso, as crianças exploram mais os objetos, por terem entre um e três anos, ou seja, na fase da brincadeira de exercício e no início da brincadeira simbólica. Como a criança encontra-se no período sensório motor, após alcançar seu objetivo, ela repete as condutas motoras (exercita-as) pelo prazer funcional. Ela exercita os esquemas sensório-motores consolidados, sem fins utilitários. Sendo a sucata um brinquedo para as crianças, deve-se levar em consideração que “brinquedo bom é brinquedo brincado. Um brinquedo só é brinquedo pela ação do brincar, isto é, porque alguém brinca com ele.” (FORTUNA, 2011, p. 9).

Já Socalita e Sucatana, afirmaram não disponibilizar as sucatas pelas crianças, por não estarem trabalhando algo relacionado a elas em seus projetos.

Porque recém começou o nosso trabalho, então... não fica ali na sala pra eles pegarem a qualquer momento. (Socalita)

[...] esse ano não tinha nenhum projeto, nada que envolvia a gente acabou deixando a caixa em cima, não tem nenhum motivo específico. (Sucatana)

Socalita disse que no semestre passado elas não haviam pedido para os pais sucatas, pois seu projeto não tinha nenhuma ligação com esses materiais. Nesse semestre, elas vão trabalhar com elas, pois isso as pediram, mas recém estão começando a ganhá-las. Da mesma forma, Sucatana e sua colega não utilizaram a sucata por não terem nenhum projeto relacionado a elas. Já Malaia, assegurou que elas deixam as sucatas disponíveis, mas que elas não estavam, temporariamente, por conta de um projeto das professoras do turno da manhã. Nos três casos, as professoras alegam a não utilização por conta de seus trabalhos. Mas e o interesse das crianças? E a livre criação?

Davies e Howe (2010), afirmam que “[...] as crianças não podem criar o brincar em contextos que não vivenciaram. Elas precisam ter conhecimentos sobre os quais basear sua criatividade.” (DAVIES; HOWE, 2010, p. 270), ou seja, para que as crianças possam criar algo é necessário que elas criem, tendo em espaço na sala de aula para essa criação. Um importante aspecto do brincar criativo é a sua negação do caráter adultocêntrico, ou seja, ele é centrado no que a criança quer fazer e não no que o adulto deseja como produto. É importante que os educadores compreendam a capacidade criadora das crianças, promovendo e assegurando

momentos em que as crianças possam criar livremente, sem necessitar serem dirigidas para isto.

Em contrapartida, quando questionados a respeito da importância da sucata, a maioria das respostas citava criatividade, imaginação, transformação e exploração.

[...] é um material diferente pra criança explorar né... [...] e criar também, eles podem criar, imaginar alguma coisa com aquela... aquele objeto ali que foi um sabão em pó, ou.... que eles podem na hora fazer um brinquedo, naquele momento e pode se transformar em outra coisa depois né... (Sucalita)

Tu pode explorar a criatividade da criança, um monte de coisas com as crianças, mesmo na faixa etária dos pequenos, eu acho sim. Porque eles exploram muito. (Jaspion)

[...]a sucata é mil coisas, eles criam o que eles quiserem daquilo. (Malaia)

Os docentes trazem em suas falas o que Moyles (2002) afirma: o “[...] material de brincar com final aberto foi considerado [...] como ótimo para conduzir ao brincar criativo [...]” (p. 91), ou seja, materiais não definidos, como a sucata, são bons recursos para o desenvolvimento da prática criativa por terem infinitas possibilidades. Pois, com eles “[...] as crianças precisam descobrir formas, maneiras de utilizar o material e de construir, utilizando sempre a criatividade e a experiência pessoal.” (HORN; SILVA; POTHIN, 2012, p. 93). Dessa forma, as crianças abandonam uma postura passiva, como ao trabalhar com coisas prontas, e passam a ter uma atitude ativa, sentindo-se a vontade para lidar com os materiais e dando a eles a sua forma pessoal.

Segundo os educadores, através da sucata, as crianças podem, além de criar, imaginar algo. Entendendo imaginação como uma maneira de ver além, em que *“a criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação àquilo que vê. [Alcançando] uma condição em que a criança começa a agir independente daquilo que vê.”* (VYGOTSKY, 2007, p. 114, grifo do autor), ou seja, a criança age de acordo com a ideia que tem de um determinado objeto, e não simplesmente da maneira como o enxerga. A criança, ao explorar e manipular materiais de sucata “[...] é capaz de “imaginar de um nada um tudo”, estranhando o conhecido e

estranhando-se no desconhecido, experimenta[ndo] uma relação com o real eminentemente criativa.” (FORTUNA, 2008, p. 60).

Sucatana, enfatizou o elemento de transformação da sucata, ao afirmar:

[...] é um material que não tem mais utilidade nenhuma e tu vai transformar ele em outra coisa. (Sucatana)

Machado (2003) traz a transformação como um princípio da sucata, por ser algo que passa a ser utilizado fora de seu uso habitual. Ao transformar e dar novas formas aos materiais, a criança é estimulada “[...] a explorar o mundo de dentro e o mundo de fora dando a eles nova forma, no presente e no futuro, a partir de sua vivência.” (MACHADO, 2003, p. 27).

Dessa maneira, como afirmaram os educadores, o trabalho com sucata é importante, pois com ele “[...] há espaço, como na vida, para explorar, descobrir, experimentar e para construir.” (MACHADO, 2003, p. 63), tornando as crianças, sujeitos autônomos e ativos na construção de seus conhecimentos.

4.3 “Sucata não é só lixo!”: A sucata na concepção dos docentes

No referencial teórico deste trabalho foram enumeradas diferentes concepções de autores e dicionários a respeito do que significa a expressão “sucata”. Essa pergunta também foi realizada aos sujeitos dessa pesquisa e suas respostas vão ao encontro do caráter amplo da sucata, como aparece na fala de Malai:

A sucata é mil coisas! (Malaia)

Como na afirmação de Machado (2003), “[...] a sucata é um “nada” que pode vir a ser um “tudo”.” (p. 44). Essas “mil coisas” e esse “nada – tudo” estão presentes principalmente na ideia dessas educadoras e desse educador, de que há uma diversidade, mas ela está sempre atrelada à ideia de ser algo que pode ser reciclado ou reaproveitado. O professor Jaspion inclusive, quando questionado sobre o que vem a sua cabeça quando ele escuta a expressão sucata, afirma que:

Vem reciclagem, eu acho que são palavras muito parecidas pra mim. (Jaspion)

A caracterização de sucata em dois grupos (natural e industrializada) como é proposta por Horn, Silva e Pothin (2012), não é algo visto como aceitável pela maioria dos entrevistados. Somente duas educadoras aceitam esse ponto de vista, pois quando as questionei se elas achavam que os materiais que as crianças brincam no pátio como “pauzinhos” e folhas, também eram sucatas, afirmaram que sim, pois as próprias crianças as caracterizam assim, como na fala de Malaia:

[...] às vezes eles pegam umas folhas assim... do pátio e levam pra sala que eles querem botar em alguma coisa ou então eles querem copiar e aí já aproveitam e botam junto com a sucata. (Malaia)

O que ficou evidente na fala de todos os professores é o caráter de criação e de transformação que eles identificam na sucata. Para todos eles, a sucata é algo que pode criar algo novo, ideia que aparece explicitamente na fala da professora Magali:

[...] tudo aquilo que a gente pode reaproveitar e aproveitar pra criar o novo. (Magali)

Com essa ideia, as noções de velho e de novo “[...] sofrem um colapso: coisas velhas fazem coisas novas; coisas novas ficam velhas rapidamente; coisas velhas contam novidade; coisas novas contam coisas velhas.” (FORTUNA, 2008, p. 61)

A sucata é algo que passa a ser utilizado fora do seu uso habitual, o que faz da transformação um de seus princípios. Com a sucata é possível “[...] transformar “coisas que são” em “coisas que não são”, desenvolvendo a criatividade, a imaginação e a espontaneidade.” (HORN; SILVA; POTHIN, 2012, p. 96). É preciso, como dito anteriormente, agir sobre o objeto para criar algo, dando a ele uma característica pessoal do seu criador.

A dificuldade em definir a sucata, vem do seu caráter não óbvio e evidente, pois é possível ressignificá-la por ser um objeto com inúmeros significados, por conta de seu princípio transformador.

5 CONSIDERAÇÕES (NEM TÃO) FINAIS

Ao longo desta pesquisa, diferentes vozes foram ouvidas, com diferentes pontos de vista, sendo meu papel de pesquisadora fazer com que o conhecimento a respeito do assunto cresça, levando em conta as peculiaridades dos sujeitos pesquisados e do próprio pesquisador.

Durante o percurso desta pesquisa, muitas leituras foram realizadas para que eu pudesse me inteirar mais a respeito do trabalho com sucata e do que ele proporciona, como a criatividade e a imaginação, além de entender as características do brincar das crianças, que perpassam o brincar com sucata ao longo da Educação Infantil. Como afirma Fischer (2005):

Reescrever um autor, apropriar-se dele, é vasculhar em suas formulações teóricas um ponto de encontro com nós mesmos, com aquilo que escolhemos como objeto, [...] tem a ver com uma entrega, nossa entrega a um tema, a um objeto, a um modo de pensar, que assumimos como pesquisadores. (p. 120)

Para poder apresentar os dados de uma forma que fosse clara e coerente, tive que rever minhas ideias iniciais, repensá-las, reavaliá-las, de modo que novas ideias surgiram nesse processo. A cada entrevista, a cada leitura, pude ver e rever, minha visão acerca do uso da sucata na sala de aula.

Os docentes entrevistados afirmam que as possibilidades de uso de sucata são infinitas, no entanto, em sua prática, está infinidade não aparece, pois a utilizam principalmente de forma dirigida. Em contrapartida, a sucata é um material visto como importante pelos docentes, principalmente por conta de ela ser um importante recurso para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, fazendo com que a criança seja um sujeito ativo na construção do seu conhecimento.

Para a maioria dos professores entrevistados, a sucata é vista como materiais que podem ser reaproveitados, sendo que os recursos naturais, como a forma de classificação proposta por Horn, Pothin e Silva (2012) em que consideram como sucata os produtos naturais e industrializados, não é aceito por três dos cinco entrevistados. Além de falarem a respeito do que é feita a sucata, afirmações que exaltavam a multiplicidade de utilidades da sucata, foram utilizadas em sua definição.

As maiores influências para a utilização de sucata na sala de aula pelos professores desta pesquisa dizem respeito às lembranças que estes possuem desta utilização em sua infância, principalmente em casa. Os caracteres de liberdade, de autonomia, de uma postura ativa, fazem com que estas lembranças sejam ditas com entusiasmo pelos educadores, e respinguem em suas práticas como docentes.

Tais achados levaram-me a concluir, que os educadores, sujeitos desta pesquisa, necessitam ser mais estimulados ao uso da sucata em suas salas de aula, pois eles reconhecem seu caráter transformador, criativo, imaginativo e possuem boas lembranças de seu uso em sua infância. No entanto, em sua formação escolar e acadêmica, influenciada pelo modo como nossa sociedade se organiza, em que a ordem e a razão são mais valorizadas do que a desordem e a emoção, fazem com que práticas que propiciem a criatividade, a liberdade, a imaginação, a autonomia, sejam deixadas de lado no dia a dia dos educadores. Além disso, “[...] vivemos no “mundo dos descartáveis”, pois consumimos uma enorme quantidade de produtos que vêm de embalagens descartáveis, muitas delas inutilizadas e jogadas fora.” (HORN; SILVA; POTHIN, 2012, p. 91), o que faz com que a reutilização não seja muito valorizada.

Além do ponto de vista dos docentes, acredito ser importante que, em futuros trabalhos, seja também investigada a perspectiva das crianças acerca do uso de sucata, levando-se em conta que elas nasceram nesse mundo tecnológico. Questiono-me: seria interessante para elas brincar/criar com sucata?

Dessa maneira, temos de ser adultos ou crianças, como João que “Como a gente, que fica atenta. Como a gente que muda e transforma. Como a gente que, um belo dia, se descobre com olhos mágicos. E vai pro mundo, pra ver.” (BARBIERI, 2011, p.18) e descobre uma infinidade de coisas naquilo que seria jogado fora.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. In: História da Educação (Online), v. 7, n. 14. Porto Alegre: julho/dezembro de 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223/pdf> - Acesso em 27 de outubro de 2013

ALENCAR, Eunice Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. 3ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

BARBIERI, Marô. **Os olhos mágicos de João**. Ilustrações de Ana Terra. São Paulo: Editora Cia dos Livros, 2011.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Legislação e propostas curriculares: Há lugar para a imaginação? In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir S. (Orgs.) **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas: Papirus, 2007. p. 121 - 138

BAUMAN, Zygmunt. “Vivemos tempos líquidos, nada é para durar” **Istoé Online**: 2010. Entrevista concedida a Adriana Prado. Disponível em: http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS- Acesso em 21/09/2013

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz-de-conta: lugar de simbolismo, de representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 2ª Ed.. São Paulo: Cortez Editora, 1997. p. 57 - 72

BOMTEMPO, Edda. Brincar, fantasiar, criar e aprender. In.: OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. 4ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 127 – 150

DAVIES, Dan; HOWE, Alan. O que significa ser criativo? In: MOYLES, Janet e col. **Fundamentos da educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 261 - 275

EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir S. (Orgs.) **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas: Papyrus, 2007. p. 11 - 35

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo: 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In.: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005. p. 117 - 140

FLICK, Uwe. A pesquisa qualitativa: relevância, história, aspectos. In: FLICK, Uwe. Tradução NETZ, Sandra. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLICK, Uwe. Entrevistas semi-estruturadas. In: FLICK, Uwe. Tradução NETZ, Sandra. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 89 - 108

FORTUNA, Tânia Ramos. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.). **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 147 - 164

FORTUNA, Tânia Ramos. (Re)Criar brinquedos, reciclar a vida. In: **Pátio: revista pedagógica**, Vol. 12, n. 46, Porto Alegre: maio/junho de 2008. p. 60 - 62

FORTUNA, Tânia Ramos. **A formação lúdica docente e a universidade: contribuições da ludobiografia e da hermenêutica filosófica**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FORTUNA, Tânia Ramos. O lugar do brincar na educação infantil. In.: **Pátio: Educação Infantil**, Porto Alegre, v.9, n. 27, abr./jun. 2011. p. 8 - 10

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2, ago. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072011000200007&lng=pt&nrm=iso>. -Acesso em 07 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072011000200007>.

HORN, Cláudia Inês; SILVA, Jacqueline Silva da; POTHIN, Juliana. Jogar e brincar com materiais de baixo de custo. In: HORN, Cláudia Inês (Org.). **Pedagogia do brincar**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 2012

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar**. 5ª Ed.. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MOYLES, Janet R.. O brincar e a criatividade. In: MOYLES, Janet R.. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 81 - 96

NEITZEL, Scheila Thais Lüdke. **Brincadeira e aprendizagem: concepções docentes na educação infantil**. porto Alegre: UFRGS, 2012. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PRATES, Anelise de Araújo. Utilizando a sucata: Materiais pedagógicos e brinquedos são construídos com criatividade. In: **Revista do Professor**: Porto Alegre, 2000, vol. 16, n. 63, julho/setembro. p. 22 - 28

ROCHA, Ruth. Apresentação à edição brasileira. In: RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. 11ª Ed.. São Paulo: Summus, 1982. p. 7 - 8

RODARI, Gianni. Imaginação, criatividade, escola. In: RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. 11ª Ed.. São Paulo: Summus, 1982. p. 160 - 168

ROGERS, Carl R.. **Tornar-se pessoa**. 6ª Ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: sucata vira brinquedo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª Ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Nome fictício (a ser utilizado na pesquisa):

Formação:

Tempo de Atuação:

Atual Atuação:

Questões:

1. Tens sucata em tua sala de aula?
2. Elas estão disponíveis para os alunos?
3. Como usas a sucata?
4. Percebe diferença no uso de sucata pelas meninas e pelos meninos?
5. Lembra-se de estudar algo, em tua formação universitária, relacionado ao uso de sucata em sala de aula?
6. Tens lembrança de usar sucata na escola, ou em sua infância de modo geral?
De que maneira?
7. Acredita que esse uso influenciou a atual utilização, ou não, em sala de aula?
8. Acreditas ser importante utilizar sucata em sala de aula?
9. O que entendes como sucata?

ANEXO B – Termo de Consentimento para os Professores**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS BÁSICOS**

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

SENHOR/A PROFESSOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a/o universitária/o Mariana Menezes de Ayala, regularmente matriculada/o no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a/o aluna/o possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional (entrevista) para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com a seguinte temática: *As possibilidades do uso de sucata na sala de aula de educação infantil.*

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da/o aluna/o que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a você estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

(ASSINATURA)

Tânia Ramos Fortuna
Professor/a Orientador/a do TCC

Autorizo o uso dos dados coletados para compor o trabalho de pesquisa acima mencionado.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa
(ou seu responsável)

ANEXO C – Termo de consentimento para a Direção**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL****FACULDADE DE EDUCAÇÃO****DEPARTAMENTO DE ESTUDOS BÁSICOS**

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

SENHOR/A DIRETOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa.a/o universitária/o Mariana Menezes de Ayala, regularmente matriculada/o no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a/o aluna/o possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional (entrevista) com os educadores dessa instituição, para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A temática do trabalho é a seguinte: *As possibilidades do uso de sucata na sala de aula de educação infantil.*

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da/o aluna/o que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

(ASSINATURA)

Tânia Ramos Fortuna

Professor/a Orientador/a do TCC

Autorizo o uso dos dados coletados para compor o trabalho de pesquisa acima mencionado.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa
(ou seu responsável)